

**UM ENSAIO PERFORMÁTICO DE UM ARTISTA TRANSGÊNERO
COM REFLEXÃO NA AÇÃO ARTÍSTICA INTITULADA “CORPO-
CONTATO” DENTRO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ**



SUZAN MONTEIRO E SILVA



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA
PÓS-GRADUAÇÃO DEPARTAMENTO DE PÓS-GRADUAÇÃO – DPG
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ESTUDOS TEATRAIS CONTEMPORÂNEOS**

SUZAN MONTEIRO E SILVA

**UM ENSAIO PERFORMÁTICO DE UM ARTISTA TRANSGÊNERO COM
REFLEXÃO NA AÇÃO ARTÍSTICA INTITULADA “CORPO-CONTATO” DENTRO
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pós-Graduação em Estudos Teatrais Contemporâneos do Departamento de Pós-graduação – DPG da Universidade Federal do Amapá – UNIFAP, Campus Marco Zero, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Estudos Teatrais Contemporâneos.

Linha de Pesquisa: Processos de criação e expressão cênica contemporâneos

Orientador: Dr. José Flávio Gonçalves Fonseca

MACAPÁ-AP

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Central da Universidade Federal do Amapá
Elaborada por Jamile da Conceição da Silva – CRB-2/1010

S586e Silva, Suzan Monteiro e.
Um ensaio performático de um artista transgênero com reflexão na ação artística intitulada “corpo-contato” dentro da Universidade Federal do Amapá / Suzan Monteiro e Silva. – 2022.
1 recurso eletrônico. 35 folhas.

Trabalho de conclusão de curso (Especialização em Estudos Teatrais Contemporâneos) – Campus Marco Zero, Universidade Federal do Amapá, Coordenação do Curso de Estudos Teatrais Contemporâneos, Macapá, 2022.
Organizador: Professor Doutor José Flávio Gonçalves Fonseca

Modo de acesso: World Wide Web.
Formato de arquivo: Portable Document Format (PDF).

Inclui referências.

1. Teatro - Performance. 2. Performance (Arte). 3. Imagem corporal. 4. Gênero e sexualidade. I. Fonseca, José Flávio Gonçalves, orientador. II. Título.

Classificação Decimal de Dewey. 22 edição, 792.028

SILVA, Suzan Monteiro e. **Um ensaio performático de um artista transgênero com reflexão na ação artística intitulada “corpo-contato” dentro da Universidade Federal do Amapá.** Organizador: José Flávio Gonçalves Fonseca. 2022. 35 f. Trabalho de conclusão de curso (Especialização em Estudos Teatrais Contemporâneos) – Campus Marco Zero, Universidade Federal do Amapá, Coordenação do Curso de Estudos Teatrais Contemporâneos, Macapá, 2022

SUZAN MONTEIRO E SILVA

**UM ENSAIO PERFORMÁTICO DE UM ARTISTA TRANSGÊNERO COM
REFLEXÃO NA AÇÃO ARTÍSTICA INTITULADA “CORPO-CONTATO” DENTRO
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ**

Data da defesa: 12/02/2022

Conceito Obtido: Aprovado

Banca examinadora:

Prof. Dr. José Flávio Gonçalves da Fonseca – EETC/UNIFAP (orientador)

Prof. Dr. Cleber Rodrigo Braga de Oliveira – EETC/UNIFAP (Membro Interno)

Profª. Ma. Debora Frota Chagas – SEDUC/CE (Membro Externo)

RESUMO

Este memorial traz a reflexão da trajetória performática do trabalho intitulado corpo-contato executado nos espaços passagens da Universidade Federal do Amapá no ano de 2019. Retratando concepções de sexualidade, anterior e posterior a transição de gênero, o autor buscou resignificar conceitos corpóreos da performance apresentada, trabalhada por meio de estímulos sonoros e exercícios corporais práticos, além de estudos teóricos e práticos focados em pensadores como Paul Preciado e Judith Butler. Explorou-se o próprio processo de (re)criação da performance na busca da construção de uma caminhada cartográfica entre ambientes da Universidade Federal do Amapá – UNIFAP, (re)pensando e (re)significando tanto o olhar do autor, como de outros sujeitos acerca das questões levantadas.

PALAVRAS-CHAVE: Performance corpo-contato; corpo transgênero; espaços passagens da UNIFAP.

ABSTRACT

This memorial brings the reflection of the performatic trajectory of the work entitled body-contact executed in the passages spaces of the Federal University of Amapá in the year 2019. Bringing conceptions of sexuality, before and after the gender transition, the author sought to resignify corporeal concepts of the presented performance, worked through sound stimuli and practical body exercises, in addition to theoretical and practical studies focused on thinkers such as Paul Preciado and Judith Butler. The very process of (re)creation of the performance was explored in the search for the construction of a cartographic walk through the environments of the Federal University of Amapá - UNIFAP, (re)thinking and (re)meaning both the author's look, as well as other subjects about the issues raised.

KEYWORDS: Performance body-contact; transgender body; spaces passages of UNIFAP.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	7
2. ESPAÇOS PASSAGENS DA UNIFAP	8
3. (RE) MEMORANDO A PERFORMANCE O CORPO CONTATO	13
4. COMPOSIÇÃO DO CORPO TRANSGÊNERO.....	17
5. PERFORMANDO UM NOVO CORPO-CONTATO	20
CONCLUSÃO.....	32
REFERÊNCIAS.....	34

APRESENTAÇÃO

O presente memorial foi produzido sob tensões pandêmicas da Covid-19 (Coronavírus SARS-CoV-2) e construído a partir da revisitação da performance *Corpo-Contato* que foi executada dentro da Universidade Federal do Amapá durante os anos de 2018 e 2019. Esta, por sua vez, além de despertar provocativas por entre os espaços-passagens da instituição, também fez surgir dentro de mim, questionamentos e a vontade de buscar por desejos e sonhos em uma tentativa de reconhecer o que me pertencia.

Mesmo envolvido por olhares de rejeição, por ser considerado um dia homossexual, durante a ação performática, pude demonstrar através dos escritos os impactos e vestígios da construção de um corpo transgênero e da minha caminhada enquanto (des)organizo os formatos corpóreos impostos por meu sexo biológico, traçando por meio de diálogos com e a partir deste novo *corpo-contato*, conceitos complexos que deram um direcionamento para minha singularidade e concepções diferentes das que estavam sendo ditadas pela sociedade, compondo e espreitando um experimento final para conclusão do curso de Especialização em Estudos Teatrais contemporâneos.

Dessa forma, este memorial apresenta o tópico *Espaços Passagens da UNIFAP* que buscam demonstrar como se deu este percurso, considerando os elementos dos espaços de encontro, dos locais de circulação da Universidade onde se dão os processos de relação, o tópico *(Re)memorando a performance corpo-contato*, com seus apontamentos detalhados da ação realizada em 2019, mencionando vivências e estímulos para a (re)construção da performance, o tópico *Composição do corpo transgênero* relato a passagem para esta nova estrutura física corpórea e o tópico *Performando um novo corpo-contato*, que busco relatar meu processo de (des)identidade e (des)ajuste por entre os conceitos de sexualidade e de gênero conduzidos pelas falas de teóricos, como o filósofo e escritor trans feminista Paul B. Preciado (2015), que abandona a linguagem da diferença sexual, lembrando dos corpos reconhecidos e os taxados como desviantes e a filósofa estadunidense contemporânea do feminismo e pós estruturalista que fala sobre os limites críticos da vida disciplinar Judith Butler (2003). Ambos autores contribuem nesse processo de modo a relatar noções, conversas e abordagens que contribuirão para construção da nova ação performática ao final deste trabalho.

Considerando ao longo de todo este processo, as interferências anteriores e posteriores à transição que ocorreram em meu corpo, a exemplo dos olhares enojados que foram gerando ruídos e despertando ainda mais a necessidade de estudos teóricos e práticos, produzindo uma sensibilidade que só se afluavam cada vez mais durante a criação, tornando possível explorar os limites configuracionais binários emergidos e entrelaçados por entre dúvidas e um (re)aprender sobre este corpo inacabado e meu estado atual de consciência.

Compreendendo agora o meu olhar e não só o do outro repensando e (re)significando uma caminhada cartográfica pelo ambiente da Universidade Federal do Amapá – UNIFAP- iniciados pelos Espaços Passagens enquanto aprendia sobre meu corpo-contato conferidos através do endereço: <https://drive.google.com/file/d/1LJldBtHPJLyYQvG4pJ8kA7rv2UwJeyC1/view?usp=sharing> ou pelo QR CODE abaixo - e serão narrados nos tópicos a seguir.



QR CODE para acesso à obra gravada

2. ESPAÇOS PASSAGENS DA UNIFAP

A construção desta pesquisa se origina, primeiramente, entre os *espaços passagens*, no lugar de trânsito e de maior circulação de pessoas, onde se tem as colunas verticais de sustentação e que recordam a rigidez do sistema imposto por entre esses blocos que dividem os vários cursos da Universidade Federal do Amapá.

Foram por esses espaços passagens da instituição que pude me deparar com momentos desagradáveis enquanto executava a performance *corpo-contato*, por entre ações e olhares, os alunos de cursos variados, como os de exatas, a exemplo de matemática, física e outros, tiveram reações tão negativas, a ponto de dizerem que o trabalho era apenas para chamar atenção e que desmoralizava a universidade por trazer performers com configurações diferentes das que eram vistas como naturais.

E, ao mesmo tempo que me senti deslocado e pensativo por conta dos vários comentários vindos de pessoas que desconheciam a performance como arte e como expressividade, também pude ser provocado por minhas próprias configurações corpóreas e de consciência por conta do espaço e das cobranças impostas pelo lugar. Além de tudo, percebi que meu posicionamento era quase nulo, e o medo era tão

grande e mais forte do que minha própria fala, me impedindo muitas vezes de ser verdadeiro comigo enquanto estava gestualizando.

Naquele momento, estar envolvido pela ação do trabalho, também me permitiu, além de performar, estar ali como um LGBTQI+, me proporcionando reflexões e perguntas sobre o motivo de estar me privando de muitas coisas, inclusive, o de falar quem eu era, das coisas que me atraíam e do que gostava, desconsiderando a rejeição por meio de olhares, gestos e curtos comentários das pessoas que andavam todos os dias pelos espaços passagens.

Acontece que, as erupções sobre a vida e a Arte, só foram possíveis acontecer, a partir da revisitação desta performance *corpo-contato* por meio das (Re) memórias acionadas graças aos vídeos, fotos e recortes do próprio acontecimento fotográfico, trazendo assim como base, além dos elementos deste trânsito, também os fragmentos de quem eu construía.

Esta ação foi o início de um encontro, entre as investidas cotidianas e do enclausuramento estrutural e social que não me permitia circular pelo espaço passagem sem sentir o peso de ser diferente e de não conseguir, até então, me reconhecer como uma pessoa transgênero. Tampouco me permitia dizer um nome que pudesse de fato me representar, desconsiderando que esta imposição, e que não é uma escolha, já acontece por seus familiares, muito antes de você nascer, definindo quem você deve ser e de que lado deve estar: Homem ou mulher, Jorge=homem e Maria=mulher.

Então, podemos pensar que, escolher um curso na universidade, é tão importante quanto decidir se você compra uma casa ou um carro, se constitui família ou não, é também, uma decisão que muda sua vida por te apresentar pessoas de outros cursos com perfis diferentes do seu, mesmo que num contato mínimo, mas que te forma para estar no mercado de trabalho, além de transformar suas habilidades abrindo portas para outros conhecimentos, também tem o papel de criar afetos e relações que chegam a ser similares aos das pessoas que fazem parte da sua família. Então, é possível imaginar o quanto é difícil estar em um espaço que você não se sente acolhido, e tampouco sente vontade de retornar para estudar devido a definições padrões do sistema.

Decidir conversar sobre o que te aflige e machuca é uma busca e uma tentativa de reconciliação consigo para melhorar sua condição de vida e das relações de

convívio. É, também, na escolha do curso de graduação, que se oportuniza e potencializa sua particularidade e direção que almeja para seguir depois de adulto.

Não foi à toa que, após me ver como estudante do curso de Licenciatura em Teatro, pude entender que as relações dentro da Universidade, além de servirem como apoio, também servem como pontes para que a jornada seja mais produtiva e cheias de grandes afetações. Então, é possível imaginar a diferença que uma boa recepção e acolhida pode fazer na vida de alguém quando existe a proposta de aproximar realidades, subjetividades e trabalhar respeitando e criando convites para todos terem sua oportunidade de dizer o que são ou o que desejam ser.

Por este motivo, a escolha de (Re) visitação dos espaços passagens e de um (Re) ensaio a partir do lugar, do meu corpo e das pessoas que um dia participaram deste processo inicial de (Des) identidade, me foram essenciais para resgatar os sentimentos que ultrapassavam os de vergonha, mas também de recordar que não estava feliz naquele lugar. E me (re)conhecer também fez parte do processo e constru o do deste trabalho executado em 2019, especificamente próximo   Biblioteca Central, Restaurante Universitário e do Centro de Vivência-CV.

FIGURA 01. Espaços passagens da UNIFAP.



FONTE: Acervo pessoal do artista Suzan Monteiro, 2020

Foi nesse ambiente da Universidade Federal do Amapá – UNIFAP, que se iniciaram as primeiras tentativas de diálogo e de aproxima o para a constru o da performance *corpo-contato*, enquanto estava cursando o quarto semestre dos estudos no curso de Licenciatura em Teatro, eu pude acreditar que a performance me ajudaria a entender quem eu estava me tornando e o motivo de não conseguir me encontrar

neste lugar de passagem por justamente trazer constantemente perguntas sobre a transição de gênero e a (Des)identidade.

Este foi, em primeiro momento, a aproximação e observação inicial do meu corpo-contato para começar a pensar em estratégias e na preparação de uma nova ação performática que pudesse emergir as configurações diferentes e não habituais do meu corpo anterior para o atual, pensando em transformar pouco mais que meus desejos, anseios, medos e inquietações em expressividade corpórea.

Partindo também das minhas delimitações e dos diálogos surgidos em meio a pós execução performática corpo-contato executada em 2019, pude transitar além das concepções heterocentradas, buscando estudos que me direcionassem para continuar uma reflexão muito particular e que esbarrava sobre as configurações sociais. O que para um “contrato heterocentrado” (PRECIADO, 2014, p. 21), como menciona Preciado em seus estudos, exige que a partir dos formatos dos meus corpos (do passado e do presente) acionassem, além das normas rígidas sociais do lugar e as normas da instituição da Universidade Federal do Amapá, demonstrando que ao longo da construção existiu um ensaio e relutantes exercícios do acreditar que além de uma visão biologicamente entendida como feminina pelo externo (como foi o meu caso), existia uma nova (des) identidade de gênero masculino.

Para o sociólogo Anthony Giddens:

A palavra ‘espaço’ é utilizada genericamente, enquanto ‘lugar’ se refere a uma noção específica do espaço: trata-se de um espaço particular, familiar, responsável pela construção de nossas raízes e nossas referências no mundo (2009, p. 15).

É, neste sentido que, (Re) penso estes espaços passagens por além de delimitações espaciais, pensando uma significância de acolhida e de relação proximal ao familiar, sendo algumas vezes semelhantes para alguns ingressantes, quando iniciam sua caminhada de estudos pela universidade, quando são tratados de forma cuidadosa e sendo recebidos com festas e muitas vezes são guiados para conhecer os espaços principais de onde ficarão ao longo dos anos de formação. Neste momento, os vínculos afetivos e o lugar passam a ser como um vislumbre, além de grande novidade, também passam a estimular um olhar para além do horizonte de costume ultrapassando as funções rígidas, como exemplifica muito bem o sociólogo Anthony Giddens, ao falar de sentidos de lugar e de espaços.

Para um estudante LGBTQ+, surge também a oportunidade de ter novos conhecimentos, e de encontrar bases para iniciar estudos de si e do outro, como foi o meu caso, favorecendo uma revisitação destes modelos sociais que estamos seguindo. Considerando que, por estes corredores existem pessoas com sonhos, desejos e que são além de apenas corpos, carregando suas vivências e experiências que não cabem em caixas e definições. Tendo ciência que o diferente existe e se pode, mesmo desajustando essas configurações, se ter um posicionamento, principalmente quando se trata da presença de pessoas transgêneros.

E, como temos pouca representatividade, principalmente os artistas do estado do Amapá, iniciar uma tentativa de atravessamento e se impulsionar por meio da performance, acaba por gerar neste trabalho, um ensaio a partir das (Re) memórias de olhares, de falas de desaprovação e do desconforto latente sobre a nossa existência, nos invocando a parar e observar este silêncio e se localizar por entre esses espaços que pertencem a todos e muitas vezes não conseguimos enxergar isso.

Como na fala de Glusberg:” que o social não nos deixa bem” (2013, p.21) reforça que este julgamento das pessoas diferentes, acaba por contribuir com o isolamento, tornando aquele indivíduo pouco inteirado, deslocado e que não consegue ter um contato mínimo com os outros de seu grupo e fora dele. Ressaltando ainda que, mesmo com a existência de vários perfis sociais e cursos, esses indivíduos ‘diferentes’, aparecem incompreendidos, e ao contrário do que deveria acontecer, a nível acadêmico, a exclusão e constrangimento passa a trazer desânimo, talvez, o que futuramente, espelhará em um profissional que pouco acredita em si, e que diante de qualquer dificuldade já pensa em desistir.

De toda forma, compreende-se que um dos objetivos do trabalho, é exatamente proporcionar um (Re)encontro entre os tempos-estados da performance e suas tensões, se utilizando da gestualidade do meu corpo envoltos por fios representando a ruptura entre os acordos preestabelecidos, buscando agora (re) posicionar e (Re) criar este corpo-contato por meio da revisitação, como sugerido no tópico a seguir *(RE)MEMORANDO A PERFORMANCE O CORPO CONTATO*, como reação aos vários dispositivos físicos, relacionais e sensíveis pesquisados ao longo de todo o processo de construção deste trabalho.

3. (RE) MEMORANDO A PERFORMANCE O CORPO CONTATO

Neste tópico retrato a ação performática corpo-contato, como já apresentados anteriormente, acontecendo por entre os espaços passagens, contornados por esses lugares, a organização e criação deste trabalho principal, se deu em meio ao tumulto político e ameaças de retorno aos modelos e pensamentos tradicionais pelo até então eleito à presidência do Brasil, em meados de 2019. Enfatizando o uso de armas e uma presença maior de militares para uma possível segurança, mas que comprometia a liberdade de expressão e uso mais livre de roupas, também atentou-se neste governo que, os comportamentos individuais feriam e desequilibravam os formatos que a sociedade conhecia e tinha como referência de vida.

Não foi apenas uma parada para as nossas próprias causas e futuras preocupações que nos acometem hoje, mas também foi a presença e forte influência de uma censura e pressionamento que viria a resumir a construção da performance Corpo-contato. Em meio ao desejo de ruptura, trazendo fios de crochê enrolados ao meu corpo e dos outros performers, pude constatar o distanciamento das delimitações que estávamos envoltos do que entendíamos como corpo do outro e o meu.

Esta performance foi muito mais do que apenas para balançar as tensões políticas daquele momento, viria também a (Re) configurar o lugar de passagem e o lugar que eu estava como estudante. Foi exatamente às 16 horas da tarde, que se deu início ao ensaio das provocativas próximo da biblioteca principal e do Centro de vivências – CV, ambos localizados na UNIFAP, no dia 01 de janeiro de 2019.

Notoriamente, como é possível ver na foto abaixo, se utilizou uma camisa branca simbolizando a paz e uma bermuda mais leve, propositalmente escolhidos para que a movimentação fosse, além de livre, também lembrasse que, o ato laborava um grito espontâneo e pacífico sem intenção alguma de provocar atritos com aqueles que pensavam diferente, porém tentava reforçar um diálogo com o entorno e com as normas da instituição, demonstrando como estávamos nos sentindo e como essa rigidez nos silenciava.

FIGURA 02. Espaços passagens próximo ao CV.



FONTE: Acervo pessoal do artista Suzan Monteiro, 2019

Esta preposição performática trouxe, como na fala de Judith Butler (2018, p.07): “Certos atos políticos são claramente ações deliberadas e instrumentais de organização política e intervenção coletiva de resistência, cujo objetivo geral é o de estabelecer um conjunto de relações sociais e políticas mais justas.” E, mesmo que esta ação tenha sido, uma forma inviável e desorganizada para alguns, mostrou a vontade de desprendimento de conceitos, não só dos performers da ação, mas também dos participantes que andavam pelos espaços passagens no momento e que voluntariamente, tomando para si esta interferência relacional e política com estes corpos e o fio crochê, acabaram por compartilhar o desejo de ruptura quando se propuseram a soltar essas amarras e das tensões entre os corpos, lugar e externo que estavam ali, diminuindo o sufocamento ajudando estes performers a se livrarem do que os prendia.

E no ato de se removerem estes modelos enrijecidos – os fios - se pode comparar aos acontecimentos e intenções disseminadas por este governo. Simbolizando agora, este grito de resistência se manifestando como uma grande necessidade de poder falar e de ser escutado, de discutir quais espaços pertencem estes corpos, e independentemente dos padrões ditados, buscar se viver bem, usufruindo de seus direitos e se expressar conforme a sua individualidade.

FIGURA 03. Performance próximo ao CV.



FONTE: Acervo pessoal do artista Suzan Monteiro, 2019

A provocativa também indica um expurgo às cobranças e às turbulências cotidianas que preocupavam, não só esses performers, mas também, alguns jovens naquele momento, o medo e a ameaça balançaram o desejo de existir, pensando se o governo continuaria apoiando atitudes agressivas, machucando simplesmente aqueles que não seguiam a estes padrões desejados, como o de ser hétero e o de ter o interesse por alguém do sexo oposto. E, estas tentativas de fala se associavam ao desejo de se soltar deste fio-contato (fio crochê), por repetidas vezes, estavam acompanhados por gestos espontâneos e carregados por lamúrias colidindo com o que se acreditava ser, das palavras ditas e com o que queriam que fôssemos para atender as vontades que não eram as minhas e nem as dos meus colegas, ignorando as individualidades de cada um.

Mas, em contrapartida, reflete-se sobre os corpos reais e as relações cotidianas neste exercício de prática da própria existência, sugerindo agora na fala de Judith Butler (2018, p.12) “Não existe, na rua ou no ônibus, qualquer presunção de que o ato difere da realidade. O efeito perturbador do ato deriva da ausência de convenções que facilitem essa demarcação”, direcionando justamente, este fazer artístico como uma performance de vida, e coloca em xeque, uma possível representação de um teatro por não especificar os atores e um roteiro, apenas se tem uma demarcação a partir dos elementos – fio, performers e provocativas de vida - distribuídos pelo espaço construindo um entrelaçamento entre as pessoas que transitam por essas passagens.

A interferência no lugar, por sua vez, acontece por tumultuar as definições e as caixas padronizadas, questionando se realmente existem essas tentativas de cortes

com a tesoura no fio e esse desprendimento dos corpos para fora do que se é reconhecido, como é possível ver nos estudos de Judith Butler (2018, p.12).”De fato, há um teatro que tenta questionar ou mesmo romper com as convenções que demarcam a separação entre o imaginário e o real”. Exatamente por isso, muitos acreditaram ser apenas uma representação sem considerar que o acontecimento era moldado conforme as preposições e reações vindas do ato.

A exemplo, temos na imagem abaixo, a participação dos acadêmicos de Artes Visuais da UNIFAP, numa interação que durou cerca de 2 horas, onde, apenas deixaram o local e a performance após alcançar um limite físico de cansaço e um estado de relaxamento.

FIGURA 04. Performando pelos espaços passagens.



FONTE: Acervo pessoal do artista Suzan Monteiro, 2019.

É claro que a ação foi mínima e pouco visibilizada, mas é preciso que essas ações continuem acontecendo e que muitas pessoas estejam em desacordo com atitudes defasadas daqueles que estão ao nosso redor ou até mesmo de quem se encontra no poder. Lembrando que na história, o Brasil registrou muita censura a expressividade na mídia, na televisão e até mesmo no rádio. As agressões aos gays ou indivíduos considerados diferentes eram toleradas e naturais, mas em pleno século XXI, não deve ser mais aceitável, já que vivemos dispostos a lutar para (re)existir e (re)estabelecer empatia ao próximo para alcançar uma harmonia, independentemente de seu gênero, sexualidade, escolhas religiosas ou políticas.

Afinal, agora se tem, depois desta investigação, o suficiente para refletir sobre os acontecimentos e conceitos que esbarram pelas provocativas desta performance após 3 anos de sua realização, e que agora, por meio de um novo corpo contato, se ressalta o retorno do performer Suzan, com outra configuração corpórea, para iniciar os diálogos entre a transição de gênero, envolvidos pelo espaço de formação e (Des) identidade do sujeito para (re) pensar esses ideais e sua desnaturalização, como é possível ver no tópico a seguir *Composição do corpo transgênero*.

4. COMPOSIÇÃO DO CORPO TRANSGÊNERO

Para muitos, compor um corpo a partir de outro, é considerado uma tentativa de afronta ao sistema, justamente por configurar um formato que não é comum e principalmente por necessitar de cuidados e de um conhecimento que se difere daquele direcionado ao de um organismo e genitália dita masculina ou feminina, visto que sabemos que, existem médicos e direcionamentos específicos, como aqueles que cuidam dos sistemas reprodutores e de cada um deles, como o andrologista que cuida da saúde do homem e o ginecologista da saúde da mulher.

FIGURA 05. Seringa 3ml com ampolas deposteron.



FONTE: Acervo pessoal do artista Suzan Monteiro, 2021

É, neste sentido que, quando se inicia o processo de (re)conhecimento e reflexão de como se vê em sociedade, se pensando em como atender as necessidades não só corporais, mas também de presença, se direciona em alguns casos, ao uso de terapia hormonal por meio de aplicações de hormônios contrários

ao do organismo. Como foi no meu caso, iniciando em ciclos de 21 dias de Durateston por 1 ano e depois substituindo este por 21 dias de Deposteron.

Acima temos a imagem da seringa (que pode variar entre 30x0,07 e 30x0,08) e ampolas usadas repetidas vezes que estão contribuindo para ultrapassar os limites corpóreos estabelecidos por meu gênero de nascimento, procurando desta forma, alcançar um lugar de conforto e me recusando a continuar com as mudanças que competem a maturação, desconsiderando neste momento, que desde a infância, fui orientado a usar o tal do sutiã quando meus detalhes avantajados (os seios) começaram a aparecer.

E hoje, ao olhar para cada dose, vejo um pouco desse trânsito em líquido e gradativo acontecendo dia após dia. Uma porção que se resume em 200 mg/2ml e que tem auxiliado para transformar os meus dias em uma nova oportunidade de nascer de dentro para fora me comparando a uma criança, em alguns momentos, como se estivesse me descobrindo e agora com um brinquedo novo.

Deste modo, ao me condicionar a essas esferas transgêneras, também ressalto os cuidados dobrados que devo ter quando falo da preparação corporal por meio de exercícios práticos diários que além de contribuir para não reter líquido, também ajudam a alcançar uma musculatura mais rígida, necessitando assim, de uma alimentação mais saudável com vitaminas e sais minerais que dão suporte para a construção a qual a configuração exige.

É claro que, ao se iniciar este processo de organização, deve-se considerar que, o uso de terapia hormonal não é obrigatório para pessoas que se identificam como transgênero, tampouco todas as alterações realizadas ao longo da transição. Cada indivíduo transgênero deve buscar atender suas exigências e seu lugar de conforto, não necessitando realizar a retirada das mamas com a mastectomia ou redesignação de gênero, respeitando antes de tudo, a si e os seus limites de corpo, sabendo dos riscos e das responsabilidades ao qual sua identidade lhe compete, tendo ciência sobre as leis para ambos os sexos, como exemplo, a Lei Maria da Penha para aqueles que violam os direitos das mulheres, temos também o alistamento militar obrigatório, para o caso de homem trans, e até mesmo o uso de banheiros masculinos e/ou femininos.

Por isso, não existe um manual a seguir, nenhum passo a passo, todos lidam com suas questões como melhor preferirem. As transformações podem ser para alguns, além de instantes de crescimento e reflexões de lugar em sociedade, como

também pode ser uma experiência sofrida. Não entrarei em detalhes, mas não posso deixar de citar aquelas que por vezes foram agredidas ou até mortas por transfobia por estarem de salto, vestido e serem (re)conhecidas pelo gênero biológico.

E ainda ressalto que, este trabalho além de trazer minha construção e aprendizagens constantes, também vem como uma alerta, para que muitos, ainda em transição e buscam por um conforto, ou até mesmo para conhecimento dos que estão fora desta configuração, entendam que o nosso corpo não se iguala ao formato corpóreo de uma pessoa que se identifica com seu gênero de nascimento. E, quando me proponho a compor este novo corpo, além de estar transitando pelas barreiras firmadas pela sociedade, também revejo questões já citadas por Preciado presentes neste trecho:

Por conseguinte, renunciam não só a uma identidade sexual fechada e determinada naturalmente, como também aos benefícios que poderiam obter de uma naturalização dos efeitos sociais, econômicos e jurídicos de suas práticas significantes. (2014, p.21)

Dando a entender que, este indivíduo agora, além de enfrentar o preconceito por parte da sociedade, ao renunciar desses direitos, também desorganiza várias esferas, como o econômico e o jurídico, quando se procura no mercado um perfil específico do nosso e não se tem.

E como ser aceito para trabalhar se muitas vezes as leis não podem amparar essa tentativa de se inserir num espaço preparado para pessoas vistas como naturais? Se estes indivíduos não conseguem ter uma renda e pagar seus impostos como se é esperado, como diminuir a quantidade de transgênero procurando sobreviver por meio do trabalho sexual? O fato é que, na maioria das vezes, a desistência é bem maior, até por não vermos tantos ocupando um lugar no mercado de trabalho.

E ainda reforço, que o medo se torna maior, pelas ameaças e torturas psicológicas para diminuir o impacto do ser diferente no meio. Tais relatos, além de serem memórias sentidas, mesmo sem parecerem tão importantes, são elementos que fizeram e fazem parte desta composição corpo-contato e da caminhada desde que decidi adentrar pelas fronteiras que transcendem e ultrapassam as regras já ditadas pela sociedade enquanto se busca chegar a uma equivalência e não a uma igualdade.

Todavia, essas reflexões apresentadas pelos tópicos anteriores, foram inquietações para se encontrar, além da possibilidade de fala e expressividade, um corpo que conseguisse no hoje, como veremos a seguir, por meio do novo corpo-contato, se desprender da configuração que se difere dos ideais pertencentes ao sistema em vigor.

5. PERFORMANDO UM NOVO CORPO-CONTATO

Aqui eu relato de que forma fui costurando as (re) memórias das relações sociais/interativas e imagéticas do meu corpo contato antes e depois da transição, organizando, e especificamente neste tópico, venho trazendo como um dos elementos constitutivos a música Fênix, de Jorge Vercilo, demonstrando de que forma fui organizando e sendo impulsionado por ela a realizar os exercícios práticos corporais, sensoriais e de fala que a nova performance exigiu.

Em uma tentativa de deixar o corpo disponível para o trabalho, em todos os momentos de ensaio deste corpo-contato, se pode escutar a música, buscando um nível de concentração para além das tensões que envolviam o isolamento e o distanciamento social causados pela pandemia da Covid-19. Além da tranquilidade necessária para este retorno aos espaços passagens, também se pode refletir, por vezes, sob os traços (In)visíveis da minha personalidade que se constituía agora ali e que poucos haviam notado.

Foi um momento gradativo e de recepção as evocações desta (Des) identidade, construídos a partir da investigação cartográfica por meio de registros fotográficos, vídeos e das (Re) memórias do envolvimento social vindos a partir da primeira performance corpo-contato executadas em 2019, que comparados ao corpo sem hormônio e enrijecido pelas configurações do próprio sistema, consegue indicar a organização e uma construção corpórea de (Cons) ciência de fala e de lugar.

Na performance anterior, eu não acreditava merecer estar dentro da Universidade, muito menos de poder expressar o que sentia e os meus desejos de interferência sobre o corpo físico, além disso, a ida ao psicólogo não foi uma tarefa fácil. E se imaginar a deriva, fora das caixas de controle social, no início me causava medo e desespero. E fugir de toda essa cobrança de mim, foi exatamente o que eu fiz por um tempo, até que chegou o momento que escutei as vozes de pessoas desconhecidas e a voz que eu não escutava – a minha, tratando de me (Re) posicionar

durante da ação performática pelos espaços passagens enquanto repetia movimentos e gestos representando esse meu (Re) encontro. A exemplo deste ato constitutivo temos a fala de Judith Butler:

Se o fundamento da identidade de gênero é a repetição estilizada de atos no tempo, e não uma identidade homogênea, existem possibilidades de transformar o gênero na relação arbitrária entre esses atos, nas várias formas possíveis de repetição e na ruptura ou repetição subversiva desse estilo. (2018, p.03).

Para Judith Butler, não basta apenas se executar estes exercícios e repetições, mas o trabalho está exatamente em trazer a ruptura por meio de estilos anteriores de configurações para uma nova oportunidade de (Re)existir, transformando os formatos não naturais em subversões, onde se (Re) aprendeu e se propôs um progresso de produção e construção do amar os traços internos e os visíveis.

A proposta não foi somente mostra um formato distinto de corpo, mas de perceber outros corpos e seres inacabados, provocativas e diálogos por entre os tempos e espaços da *performance*, possibilitando este transgênero, neste contexto, mostrar como ocorreu a criação deste novo corpo-contato e de que forma este vínculo foi crescendo ao longo da pesquisa trabalhando a visibilidade de si e do (Re) conhecimento da fala, que até então estava escondida e (Des)conhecida.

Abaixo é possível ver um trecho desta música que contribuiu para está pesquisa:

“Sim!

Quis sair de mim

Esquecer quem sou

E respirar por ti

E assim transpor as leis

Mesquinhas dos mortais...

Agoniza virgem fênix

O amor!

Entre cinzas arco-iris

Esplendor!

Por viver às juras
De satisfazer o ego mortal

Coisa pequenina
Centelha divina
Renasceu das cinzas
Onde foi ruína
Pássaro ferido
Hoje é paraíso

Luz da minha vida
Pedra de alquimia
Tudo o que eu queria

Renascer das cinzas... (Fênix – Jorge Vercilo).

Quando me refiro a está canção acima citada, trabalho a letra e a sua sonoridade a partir do meu corpo projetando de forma expressiva, a relação mais sensível enquanto assimilava as mudanças e repetia movimentos que pudessem (Re)significar o meu estado anterior e um desprendimento do que conhecia.

Por entre os gestos soltos, simples e leves, escutava cada estrofe configurando minhas vontades e desejos mais humanos, sem considerar que os formatos naturais pudessem existir reprimindo minhas particularidades e os trajetos que pertencessem ao meu corpo-contato. Foi sob um envolvimento sensorial que a investigação e uma busca interior se moldaram na prática pelo espaço (Re) memorando as narrativas da performance.

Esta construção performativa, em meio a muita luta de (Re) conhecimento de si, parte da (Re) significação para então se ter este *renascer das cinzas*, como na letra da música de Jorge Vercilo, costura este retorno aos espaços passagens, ressurgindo e tateando um novo estado corpóreo enquanto executa a ação e atrita os conceitos, os registros em vídeos e fotos do lugar.

Além de tudo, o (Re) encontro de amor por si, desconsidera as análises mais aprofundadas e referentes a linguísticas, quando ultrapassa a estrutura carnal e física, retratando a sensibilidade e o (Re) significado do próprio corpo ao (Re)criar

condições para voltar a sentir respeito, carinho, atenção e afetação ao me propor estar no espaço que um dia fui invisível.

E mesmo que parte da sociedade não consiga identificar este corpo como uma simbologia (Re)existente, não me impede de acreditar que possa (Re) surgir por estes espaços passagens. É possível rever esta ação a partir da fala de Judith Butler (2018, p.07): “O corpo se torna seu gênero por uma série de atos renovados, revisados e consolidados no tempo”. Eu renuncio e (Re)invento as invalidações ao qual a sociedade me impõe o tempo todo.

Meu ato performático começa quando eu percebo que reprimir minhas particularidades enquanto realizava a ação do corpo-contato, me provocava a trabalhar sob os aspectos conceituais e estruturais pertencentes ao meu corpo e a minha mente, acabavam por (Des)organizar a noção da minha própria (Des) identidade me direcionando para o gênero, traçando os gestos e expressões que desde a infância eram reprimidos e que agora, em meio a investigação sobre performance e (Des) identidade de gênero, me fizeram pensar sobre a fala de Judith Butler (2018, p.07): “o” corpo é invariavelmente transformado no corpo dele ou no corpo dela, o corpo só se torna conhecido por sua aparência generificada”. E quem se recusa a seguir dos formatos sociais estabelecidos, se vê em lugares que o (Des) habilitam de falar ou até mesmo impossibilitando de manter suas relações de convívio e de direito.

A (Des) identidade de gênero, nos faz (re)estabelecer as falas que escutamos sempre desde a infância de que “menina possui vagina” e “menino possui pênis”, firmando preconceitos e estruturando uma sexualidade baseada em genitálias e que por serem tão distintas do que nos fizeram acreditar, acabamos por rejeitar e temer nossa própria (Re) sistência.

Quando se é criança simplesmente se brinca, não se afirma o que será no futuro, nem como se portará e qual será seu papel na sociedade. Definir quem você será baseado em roupas e cores *Azuis e rosas*, é ignorar as diferenças e equivalências de cada indivíduo. E foi justamente pensado sobre a conexão que cada um tem com seu corpo e com sua maneira de ver o mundo que, se viu o gênero e sexo como uma oportunidade de trabalho neste memorial.

E toda a (Re) revisitação descrita nos tópicos anteriores, mostraram as etapas de maturação e de transformação deste corpo, como vimos em: *Espaços passagens da UNIFAP; (Re)memorando a performance corpo-contato; Composição do corpo*

transgênero e o Performando um novo corpo-contato, buscando a tentativa de traduzir essa busca por pertencimento, não tratando somente de questionar cores azuis ou rosas, mas foi sem dúvida, uma preparação para se ter condições para adentrar nesses espaços passagens da instituição, do corpo-contato e possíveis lugares que possam reverberar e (Re) direcionar estes significantes.

Se trata de enfatizar as muitas dúvidas sobre o que é ser uma pessoa transgênero e de como partem das condições padrões impostos pelo sistema binário para conseguirem acalmar seus conflitos internos para compreender sobre a representação do ser heterossexual, bissexual ou até mesmo pansexual para a sociedade, e continuar (des) organizando o indivíduo que não se identifica com o gênero de nascimento, mas que procura um melhor lugar que possa representá-lo e seja num lugar onde se sinta bem, mesmo que seja num espaço distinto dos demais.

A exemplo se falou do corpo-contato do performer Suzan, que se construiu interagindo em meios subjetivos e binários da Instituição Federal do Amapá, quando suas (re)memórias trouxeram xingamentos e olhares de desaprovações por entre os espaços passagens da instituição, se lembrou da fala de Judith Butler (2014, p.80): “enunciados performativos ou (realizativos)”, quando se trazem enunciados como os mencionados, é possível se referir a um apelo para não (des) estabilizar as leis do sistema para evitar os conflitos e não continuar investigando questões como as de (Des) identidade de gênero. E, por mais que sejamos reflexivos e perceptíveis a estas configurações, não é fácil entender que, por explorar definições rígidas anteriores a transição de gênero, se encontrar por entre um processo de (Des) construção continua sendo um desafio.

Então devemos pensar que um homem transgênero não é homem cisgênero (aquele que se identifica com o gênero de nascimento), e por este motivo, não deve ser cobrado corporalmente e nem deslegitimado por não ter o pênis como grande símbolo de poder, tampouco ser excluído da sociedade por não apresentar os formatos que não condizem com os reconhecidos pelo sexo.

Ele é único, e mesmo que as vezes encontre conforto em tentativas falhas de serem reconhecidos como homens nascidos biologicamente, em uma luta para encontrarem espaço na sociedade. Não deixam de ser pessoas cujas características e lutas individuais mereçam respeito, já que o preconceito é muito presente, e, muitos ainda em transição se privem de sair ou andar sozinhos. Sem mencionar que às vezes dentro de suas próprias casas, ou até mesmo fora delas, sua segurança fica

comprometida, justamente por existirem pessoas sem humanidade que desejam executar aqueles que não pensam e que não são como eles.

Foi pensando além destes formatos ditados, num sentido de descoberta, que pude, por meio deste corpo-contato, me direcionar para fala de Judith Butler (2018, p.13): “como performance performativa, o gênero é um “ato” em sentido amplo, que constrói a ficção social da sua própria interioridade psicológica.” Firmando as provocativas de pesquisa e de trabalho apontando para esta performance de gênero. Onde é possível se assemelhar a ideia real das pessoas serem inacabadas, performando uma construção sensível e que não é vista pelo sistema, mas que isso não impede de se investigar por entre os conceitos do ser homem ou mulher, ou pertencer a outro gênero, mesmo que acabe por esbarrar em categorias que causarão atritos por entre as formações sociais e estruturais.

Para Judith Butler, tais formatos impostos pela sociedade são como:

A (hetero)sexualidade, longe de surgir espontaneamente de cada corpo recém-nascido, deve se reinscrever ou se reinstruir através de operações constantes de repetição e de recitação dos códigos (masculinos e feminino) socialmente investidos como naturais. (2014, p. 26).

É partindo da necessidade de testagem dos limites e das noções dessas corporaturas definidas pela sociedade que se reflete sobre a ideia de Judith Butler quando fala que esta imposição sobre os corpos ocorre desde o nosso nascimento. E que as definições antes sobrepostas a este corpo-contato, se vê entrelaçado e de forma experimental, demarcando outras concepções diferentes das conhecidas, implicando em trabalhar em seu próprio corpo uma performance de gênero. É quando se demonstra as etapas de transformações e de construções de consciência e de corporeidade ao longo deste memorial, que se esbarram nesses limites configuracionais enquanto dialogam com os vários elementos gestuais, sonoros e de (Re) memórias que o transgênero vai procurando intervir com seu corpo por uma busca profunda e por si.

Essa procura se torna real por não ter parado de acontecer quando a performance corpo-contato concluiu, é justamente o momento em que se percebe que este ato não está apenas na imaginação e muitos menos diminuirá os atritos e dúvidas ao longo de todo o processo de (Re)criação do performer. Se trata de um relato real como se permite dizer Judith Butler (2018, p.12): “reforça-se o sentido do que é real

face a esse desafio temporário a nossas premissas ontológicas quando a configuração de gênero”. Direcionando assim, a reflexão de que a performance de gênero, neste contexto não se separou da vida.

Ela continua acontecendo trilhando ainda com muitas inquietações, provocando e acionando lugares, conceitos e pensamentos trabalhando em um processo que parte do envolvimento interno com o externo. Como na fala de Edith Modesto o: “atravessamento” (2013, p. 60) que reflete muito bem as vivências transgressoras, afetações, trocas de diálogos e seus impactos que vão alterando o fluxo (Cis) gênero, como é possível ver abaixo, por meio de registros visuais e números como se deu a preparação deste corpo-contato para ação prática.

Compondo exercícios:

Em uma busca por (des)identidade, de perguntas frequentes enquanto não se alcançava a satisfação consigo, em ajuda, se teve neste corpo transgênero, binders, testosterona, além das muitas transformações resultantes dessa (Trans) formação. Se teve uma (re)adequação enquanto surgia este novo ser, que vem renunciando e (re) nascendo dessas cinzas – que são suas vivências – enquanto se moldava a ação prática.

A performance foi por vezes, contornada, além da música Fênix, por vários exercícios “psicofísicos” para se chegar ao estado em que o corpo (Trans) gênero consegue resgatar uma movimentação espontânea, experimental e de permuta entre a (re) memória do corpo anterior e do espaço que constantemente lhe trouxe sentidos e (re) significados de fala, que comparado ao corpo que anteriormente era “pressionado” por padrões sociais, tenta traduzir e expressar uma identidade que se firmou após o corpo-contato e estão além das ideias direcionadas apenas ao binarismo.

A seguir é possível acompanhar o processo de ação-prático deste corpo pré e pós-transição:

ANOS	TRANSIÇÃO (TRANS) AÇÃO	CONFIGURAÇÕES ESTÉTICOS/SOCIAIS
2019	Orientação psicológica; Observações inquietantes; Leituras acerca do tema;	Aumento de Vestimentas ditas “masculinas”; Buscas por meio de cortes de cabelo; Ensaio de pronomes;
2020	Orientação endocrinologista e psicológica; Prática de exercícios; Preparação vocal; Uso de binders; Início da Testosterona;	Troca de completa de guarda-roupa; Utilização de pronomes masculinos para si e com o outro; Escolha/uso do nome social neutro a partir do nome de registro; Uso do RG com nome social e assinatura em documentos, inclusive dentro da UNIFAP;
2021	Orientação psicológica; Prática de exercícios para resistência corporal (respiratória, hormonal, cardíaca e etc.qu); Aumento do tórax; Diminuição de busto; Alargamento das cordas vocais, ganho de massa corporal e pelos. Entre outros.	Uso do gênero masculino no social, instituições e lugares amparados por lei; Participação em programas e em assistência social destinados aos transgênero;

FONTE: Acervo pessoal do artista Suzan Monteiro, 2021

REGISTROS DO PROCESSO PRÁTICO

FIGURA 06. Registros gestuais espontâneos.



FONTE: Acervo pessoal do artista Suzan Monteiro, 2021

Acima temos o corpo em treinamento gesticulando com ajuda da música fênix: *corpo-música*, em uma busca por entre os espaços desconhecidos deste eu, repetidas vezes se lançaram movimentos leves, delicados, rígidos, bruscos e lugares das memórias já esquecidas que pudessem de alguma forma contribuir com a sensação de fluidez dos elementos: Corpo, música, espaço e passagem.

Os braços em alguns momentos ficavam indispostos e pesados por não estarem habituados a seguirem direcionamentos mais livres e sem uma imposição externa. Lembrando das etapas anteriores de preparo do corpo-contato para realização da performance, também houveram, além de rejeição do próprio corpo, quanto a alguns movimentos não considerados masculino ou feminino pela sociedade, conseguiam enrijecer as passadas seguintes enquanto se dava continuidade ao processo, até chegar no nível de relaxamento e aceitação consigo e com os próprios músculos corporais.

Dando a entender qual é a necessidade de trabalho corpóreo e de conhecimento de si, seja para se realizar uma nova performance corpo-contato ou para estar em sociedade, muitas vezes nos moldamos com configurações diferentes daquelas que nos deixam ficar mais confortáveis justamente por haver tantas imposições.

Por isso, ao abdicar das regras que enrijecem meu corpo, me dou a possibilidade de reinventar, além dos movimentos, reconstruir reflexões sobre o que é meu, o que é do outro e o que querem que eu seja, repetindo-os mentalmente para que ultrapasse as barreiras invisíveis de um corpo-mente para que então consiga

executar sem medo práticas espontâneas e com mais confiança meus espaços transgênero.

FIGURA 07. Registros gestuais espontâneos.



FONTE: Acervo pessoal do artista Suzan Monteiro, 2021

Os movimentos são espontâneos e refletem o sentimento profundo entre o espaço, corpo e a canção de preparação para se conseguir alcançar um grau mínimo para ultrapassar as barreiras psicofísicas até então impostas pelo externo.

FIGURA 08. Registros gestuais espontâneos.



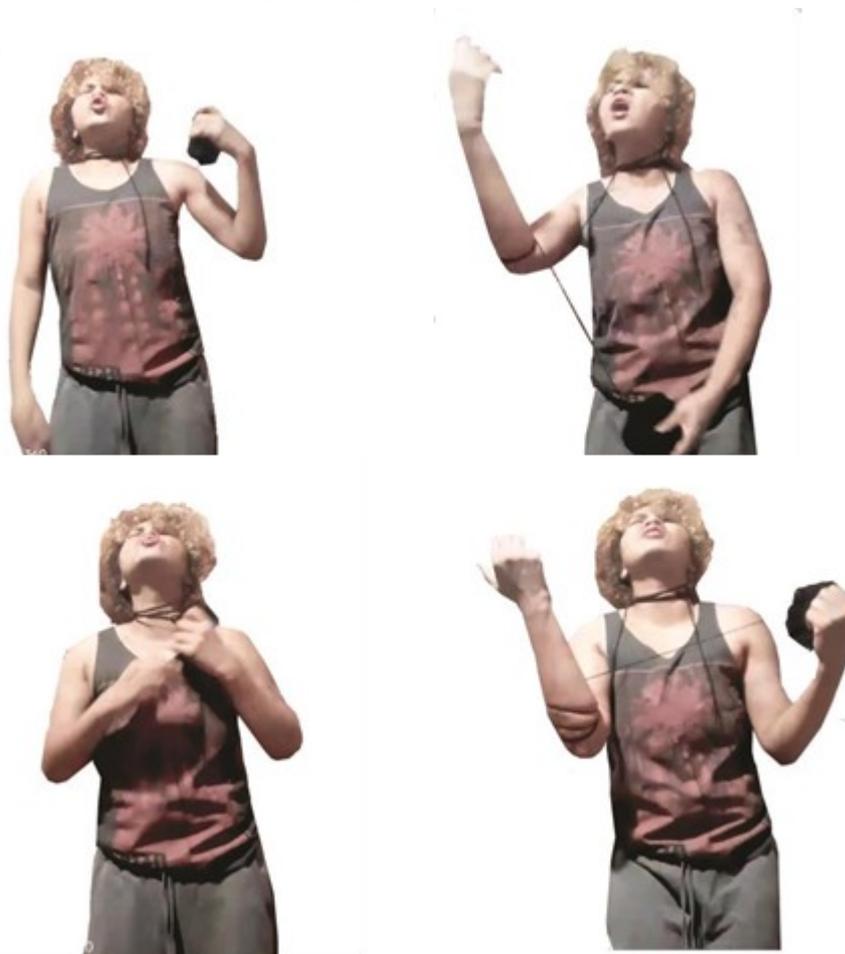
FONTE: Acervo pessoal do artista Suzan Monteiro, 2021

Cada passada representa o peso do mundo, o peso das falas, dos xingamentos e de todo preconceito que machuca e fere o corpo, e principalmente, a alma. É invisível aos olhos, mas se propaga, despercebido, por todas as vias que contraem os músculos do rosto, dos braços, das pernas, das mãos e da cabeça. Você pode ficar trêmulo ou sem ação ao sentir seu corpo sendo enlaçado por fios, seja qual for eles,

mesmo que alguns arrebetem, sempre terá mais e mais para que, duramente, te pressione e force a diminuir os movimentos e o passeio pelos espaços do externo e de si.

A dificuldade de respirar e tudo ao redor nos sufoca, impossibilitando de encontrar uma saída para aquele desconforto. E, fugir não é possível, apenas sentir enquanto o corpo reluta e contrai em resposta ao pressionamento grosseiro, chegando até mesmo em pensar em desistir. Então, você decide se reinscrever e tentar outros lugares buscando um único ponto que possa acessar a sua vontade de voltar para acreditar em si e nos espaços do seu corpo que ainda não dialogou.

FIGURA 09. Registros gestuais espontâneos com fio-crochê.



FONTE: Acervo pessoal do artista Suzan Monteiro, 2021..

Enquanto se para... O fio pressiona... O fio pressiona...

O fio pressiona... O fio pressiona?!

Todos nós perguntamos constantemente...

Em meio aos registros e todo o processo de preparação e de construção, temos este memorial e em resultado, sua ação performática corpo-contato para acontecer como conclusão do curso de pós-graduação em Estudos Teatrais Contemporâneos, na Universidade Federal do Amapá no dia 12/02/2022.

Ainda ressalto que, as imagens aqui mostradas representam, além de uma nova configuração de corpo-contato, também expressam movimentos que reinventam, em cada passada, minha fala e traços observados enquanto se pesquisava e matinha os questionamentos de sexo e gênero. E que, a todo momento, se direcionava para as andanças constantes que não acabarão por aqui.

Do mesmo modo, após a realização performática, as observações práticas corporais ainda serão parte deste processo de experimentação, justamente por sequenciar mais mudanças com o passar dos anos, continuando com um corpo em transformação e sujeito a reiniciar sua identidade de gênero e suas permissões de fala, regulando conceitos que fomentem uma desconstrução, percebida e entendida no seio acadêmico, de um corpo-contato, que até então se identificava por concepções centralizadas e eram ensinados por outros e que não estavam se encaixando ao perfil deste indivíduo transgênero.

Abaixo é possível ver de forma contabilizada, um pouco do acompanhamento prático-físico de um corpo-contato:

TABELA 2 - Registro prático corporal contabilizados

EXERCÍCIOS	QUANTIDADE DE PRÁTICAS
Práticas gestuais espontâneas	560
Relação corpo-contato com fio-barbante.	380
Observação do corpo e seu espaço.	230
Relação Corpo-música	500

FONTE: Acervo pessoal do artista Suzan Monteiro, 2021

Observação: Os números registrados acima são apenas uma visão geral dos muitos exercícios corporais pelo espaço, de prática e resultado do corpo contato com música Fênix.

CONCLUSÃO

Quando passamos a observar que muitos dos conceitos determinados e enunciados direcionados ao nosso corpo não estão de acordo com as nossas configurações e essência, precisamos buscar, estabelecer diálogos e adentrar em lugares que além de estarem fora do padrão, também extrapolam a existência que conhecemos, por isso, uma revisitação a espaços passagens de instituições de ensino como a UNIFAP, em uma ação prática performática, para observar e provocar as inquietações com um corpo-contato, não foram tarefas fáceis e nunca será.

Não aprendemos a falar de nós, muito menos em ir diretamente contra as regras e a ordem do nosso sistema, principalmente quando este corpo já carrega consigo doses de si e já reconhece que seu lugar não é este que lhe foi concedido. Caminhar por lugares carregados por desprezo e recebendo tratamentos inferiores ao que tem direito e que merece, são os motivos que, infelizmente, são reais e fizeram nascer este memorial.

Esta é a fala do corpo-contato de um artista transgênero que estreita e se prepara para explorar uma sequência de caminhadas, entre tentativas de diálogos, conceitos e enunciados mostrando a delicadeza que se necessita para falar sobre questões complexas e distintas das habituais. Porém, se tem a consciência de que, talvez, não se tenha conseguido ainda retratar os atravessamentos da forma que deveria, com mais clareza e trouxessem o lado mais cruel e profundo de um corpo em transição. Afinal, o psicológico é trabalhado para falar no feminino ou masculino biologicamente a todo momento se lutando para continuar seguindo as regras rígidas.

A todo momento e automaticamente, por meio de cobranças e julgamentos, as pessoas te puxam para uma desistência por não estarem satisfeitos com as desordens e desconsideram o pouco conquistado fora das configurações de nascimento.

É quando a coragem precisa ser maior e decisiva para se enfrentar um mundo que deseja ajustar seus planos e sonhos de se reconhecer em frente ao espelho. O transgênero precisa ultrapassar os modos comuns, mas acima de tudo, dar conta do que se está construindo, habilitando novos formatos e permitindo que sua performance possa transformar a vida em uma nova chance de conquistar seu espaço e de protagonizar sua própria fala, mas sabendo que nem tudo são rosas e que os

dias são duros e ter a aceitação do próprio corpo e consciência de onde poderá chegar é importante para delimitar como deverá seguir seu percurso.

Então, não devemos esquecer das chicotadas, das consequências e dos passos que estamos dando, percebendo o quão visceral as descobertas estão sendo quando se adentra pelo espaço com um corpo em testosterona. É poder se comparar a um super-herói descobrindo sua nova habilidade ou até mesmo um brinquedo que pudesse ser modelado para ficar com um rosto que mostrasse todas as nossas emoções e características pessoais e internas.

Imagina só um misto de alegria movidos por um medo de não conseguir aprimorar seus novos poderes ou de não conseguir dar sequência a sua vida como tanto sonhou!? Ter em mãos o sentimento de escolha, depois de muito questionar as concepções ditadas agora fazem parte deste ensaio e passeio performático por meio do corpo-contato.

Esta ação relembra os estados do corpo antes e pós transição, mas também consegue provocar um olhar e escutar mais a si mesmo, deixando uma provocativa de que devemos sempre observar nossas falas, evidenciar os pontos cruciais de reflexão quando nosso corpo se propõe a estar em transformação, entendendo que discutir sobre sexo e gênero ainda não é de grande interesse e pouco se assimila quando o assunto é distante do que se conhece.

Devemos aceitar que em pleno século XXI, não se tem tanta liberdade para ser o que quiser, ou fugir das definições sociais. Os relatos aqui sentidos, talvez não sejam reconhecidos com dor, tão pouco tenham pessoas que consigam ter afinidade com a construção e as etapas mostradas para se chegar a execução prática da performance, muito menos veja este trabalho com grande importância e repercussão, mas hoje posso dizer que sou uma pessoa transgênero, que não tem mais medo de falar e nem medo de declarar o amor a vida e a Arte, dois orgulhos que carrego sem diminuir o tom ou mesmo desconsiderar o meu lugar na humanidade.

Vejo-me agora em uma busca constante por melhores condições para finalmente ter paz e não ser mais aquele que apenas é visto como alguém que carrega um órgão reprodutor e de prazer.

Sigo curioso e questionando a minha existência, andando por novos espaços passagens, não abandonando o que já foi conquistado e promovendo a busca incessante pela minha individualidade.

Este é o lugar que me pertence e que, ao mesmo tempo, me afasta daqueles que não entendem o meu grau de sensibilidade. É onde eu posso tornar equivalente e correspondente as habilidades que me fazem ser diferente e onde posso visualizar um sistema que não me projeta ao olhar ajustado que não me pertence e que nunca fará eu me sentir livre, já que agora eu posso dizer que eu sou um desbravador das minhas incertezas performando por um mundo que ainda esta se configurando e que não pára de mudar.

REFERÊNCIAS

BUTTLER, Judith. [1990] **Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003;

BUTTLER, Judith. **Os atos performativos e a constituição do gênero: Um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista**. Trad. Jamile Pinheiro Dias. Caderno de leituras n. 78. P.1-16, Chão da Feira, 2018;

COHEN, Renato. **Performance como linguagem**, 2ªed. São Paulo, 2007;

FIGUEIREDO, Eurídice. **Criação & Crítica: Desfazendo o gênero e a Teoria queer de Judith Butler**. Dossiê Sófico. Ed. 20, SP. 2018;

FORTIN, Sylvie. Contribuições possíveis da Etnografia e da auto-etnografia para pesquisa na prática artística; *In: Revista Cena*, Instituto de Artes – Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Periódico do programa de pós-graduação em Artes cênicas, Ed. 7, 2009;

FRANÇA, Rafael Gonçalves dos Santos. **Corpos de Passagem? Formas de Se Fazer Travesti em Campos dos Goytacazes/RJ**. Fazendo Gênero 9. Diáspora, Diversidade, Deslocamentos, Rio de Janeiro, 2010;

HASEMAN, B. Manifesto da Pesquisa Performativa. In: **Seminários de Pesquisas em Andamento** PPGAC/USP, 5. 2015, São Paulo;

LEAL, Dodi Tavares Borges; ROSA, André. Transgeneridades em Performance: desobediências de gênero e anticolonialidades das artes cênicas. In: **Revista Brasileira De Estudos Da Presença** [EPERIODICo], v. 10, p. 1-29, 2020;

LEAL, Dodi Tavares Borges; Espacialidade Travesti: Habitat de gênero e práticas topográficas de corpos trans nas artes da cena brasileira. *In: Urdimento*, Florianópolis, v. 2, n. 38, ago./set. 2020;

PELLIM, Tiago. **Gênero, Sexualidade e Narrativas como Performance: Análise de Estratégias de posicionamentos em Narrativas sobre masculinidade não-hegemônicas**. Projeto da Campanha pela Liberdade de Orientação e Expressão Sexual. DIVAS – Instituto de Defesa a Diversidade Afetivo Sexual. Brasília/DF, 2006;

PRECIADO, Beatriz. **Manifesto Contrassexual. Práticas Subversivas de identidade sexual**. Trad. Maria Paula Ribeirto. São Paulo. Ed. Nº1, 2014;

PRECIADO, Paulo B. **Um Apartamento de Urano (Crônicas da travessia)**. 1ª Ed. Zahar.2020;

DA LUZ, Nanci Stancki; SALETE, Lindamir Casagrande (Org.). **Coleção Entrelaçando Gênero & Diversidade: Matizes da divisão sexual do trabalho**. Vol. 2, n. 396, Ed. Curitiba-UTFPR. 2016.